

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O EstadoClass.: 121Data: 19.04.82

Pg.: _____

Índios empregam brancos na reserva de Ibirama

Uma festa está programada para hoje, Dia Nacional do Índio, na reserva indígena de Ibirama, no Alto Vale do Itajaí.

E há bons motivos para festejar: embora em todo o país os brancos estejam impondo aos índios o seu modo de vida, descaracterizando uma cultura milenar, em Ibirama muitos deles empregam os brancos na exploração de madeira e até mulheres que se oferecem como empregadas domésticas. Seu nível de vida é elevado — em certos casos —, a ponto de muitos indígenas terem carros do ano e todo o conforto dentro de casa.

Uma grande festa está programada para hoje, 19 de abril, Dia Nacional do Índio, na reserva Duque de Caxias, localizada a cerca de 50 quilômetros do centro do município de Ibirama. O evento começa pela manhã com a participação das crianças que vão prestar homenagem aos antigos, declamando poesias e entoando cânticos que foram ensaiados diariamente na escola da sede. Depois será a vez dos adultos apresentarem danças típicas. No entanto, o ponto alto da festa está reservado para o meio-dia, quando será oferecido um churrasco para todos os indígenas residentes no local. A festa tem a participação do representante da Fundação Nacional do Índio, Funai, Hélio Pedro, que se negou a dar maiores detalhes.

Na reserva indígena de Ibirama vivem cerca de 1500 índios das tribos Xoklengs, que predomina, Kaingangs, uma minoria, e os Guaranis, que vivem isolados. A sua principal fonte de renda é a extração da madeira, que é vendida às indústrias da região. São poucos os que desenvolvem algum tipo de atividade agrícola. O que plantam no fundo de suas casas — milho, feijão, mandi-

ca — é para consumo próprio. No ano passado alguns índios iniciaram o plantio de café e obtiveram excelente resultado, pois a terra virgem é ótima para esta cultura.

Eles mesmo confessam que não existe motivação dos mais novos para fazerem algum tipo de plantação. Na realidade o índio é preguiçoso por natureza e enquanto não acabar a madeira ele não vai se dedicar a outra atividade. Nunca os índios ganharam tanto dinheiro como agora. É comum se ver automóveis Monza, Escort, entre outras marcas nas garagens ou até mesmo nas ruas de Ibirama e cidades vizinhas. Até alguns anos atrás o veículo preferido era o Brasília, mas como caiu de linha, hoje eles preferem carros mais modernos.

Se por um lado os Xoklengs vivem bem, os Guaranis passam todo o tipo de necessidades. Eles moram isolados em uma área de terra cedida e somente adquiriram o direito de fazer a exploração da madeira ali existente. Até então para sobreviver faziam artesanato para vender nas cidades e ter dinheiro para as compras. Eles vivem ainda muito do que restou da caça e pesca no rio Herci-

lio. No entanto, não gostam de comentar a situação pois temem represálias dos Xoklengs e da própria Funai, através do chefe do posto.

UM GRANDE NEGÓCIO

A extração indiscriminada da madeira, especialmente canela, no interior da reserva continua bastante grande. Do jeito que está, num prazo máximo de dois anos não existirão árvores em pé. Há aproximadamente um ano os índios não permitem mais o acesso dos madeireiros à reserva. Hoje com caminhões e tratores eles mesmo fazem a derrubada das árvores, transportando até no limite do posto, de onde se fazem o transporte até as indústrias madeireiras da região. Por isso é muito comum se ver caminhões carregados de toras trafegando nas estradas.

Há índios que compram a madeira dos outros dentro da reserva para depois negociar com as indústrias. É o caso de Vombel Dili, capitão da tribo dos Xokleng. Dentro da hierarquia ele, depois do cacique e do vice-cacique, é quem manda. Casado, pai de sete filhos, ele mora em uma casa construída pelo DNOS. Em seu interior, com a chegada da rede elétrica, ele possui todo o tipo de aparelhos eletrodomésticos, adquiridos quase sempre no comércio de Ibirama.

O capitão confessa que adquire a madeira de seu próprio povo pagando no máximo Cz\$ 800,00 o metro cúbico. Depois negocia com a indústria que lhe paga mais, chegando a alcançar até Cz\$ 2.500,00 o metro cúbico. Dili diz que prefere negociar com o grupo Manoel Marchetti, de Ibirama, ou com a Madeireira Treitinger, de Presidente Getúlio. "São os que pagam melhor", argumentou o capitão dos Xoklengs. Com o dinheiro da venda, Dili disse que adquire os utensílios da casa.

Ele ainda não possui aparelho de televisão, mas diz que vai comprar em breve. "Aqui não tem nenhum tipo de divertimento e agora com a energia elétrica vale a pena ter uma tevê, pois pegamos três canais — a Globo, a Bandeirantes e a Planalto". Ele confirmou que antes da energia elétrica muitos índios tinham geladeira e, como não tinha utilidade, usavam-na como guarda-roupas. "Hoje em dia a coisa é diferente", comentou Dili.

INVASÃO DOS BRANCOS

Depois que os índios decidiram fazer a extração da madeira, não permitindo mais que os industriais da região o fizessem, aumentou o número de homens brancos e até mesmo mulheres trabalhando na reserva indígena de Ibirama. Eles são motoristas dos caminhões e tratores de



Os índios tomaram as rédeas do negócio da madeira e hoje exploram a mão-de-obra do homem branco

propriedade dos índios que fazem a exploração da madeira, recebendo em média Cz\$ 5.000,00 e nunca menos de Cz\$ 2.500,00. As mulheres, em sua maioria com menos de 20 anos, trabalham como domésticas nas casas dos índios tomando conta das crianças e dos afazeres do lar.

Um dos motoristas dos índios é Edmundo Jacinto, 21 anos, solteiro, que reside antes na localidade de Serra São Miguel, município de Ibirama. Ele está trabalhando há um ano como motorista da mulher de um índio, levando-a para pescar e na casa das amigas no interior da reserva. Quando ela vai à cidade (Ibirama), quem a leva é o marido. Por tudo isso, Edmundo recebe mensalmente em média Cz\$ 6.000,00. Dependendo do número de viagens que faz, ele aumenta os seus rendimentos. Além do dinheiro, ele tem direito a casa, comida e ganha ainda a roupa. Nas horas de folga toma conta da criação — porcos, galinha e gado.

Assim como Edmundo, outros seis empregados trabalham para Indili Kriri, o seu patrão, que paga religiosamente em dia os salários. O índio é motorista da Funai, mas segundo Edmundo não trabalha no órgão há bastante tempo. Na exploração de madeira, este índio utiliza dois caminhões e dois tratores. "Dois destes colegas meus vieram recentemente de Minas Gerais, porque os índios não gostam de pegar pessoas que moram por perto para trabalhar com eles", disse o motorista.

Depois de trabalhar algum tempo como empregados dos indígenas, os brancos acabam ganhando a confiança, casam com as índias e passam de empregados a patrões. "É

que quando elas casam passam a ter direito de fazer a exploração de madeira, pois recebem uma área de terra", observou Edmundo. Antes do casamento, as índias não têm direito.

Ele acrescentou ainda que hoje muitos brancos que foram para a reserva trabalhar como empregados já se casaram e viraram patrões, vendendo a madeira como se fossem os próprios donos da terra.

DUAS ESCOLAS

Em toda a extensão da reserva indígena existem apenas duas escolas de primeiro grau, uma no local denominado Sede e outra no Búzio. Na Sede, 80 índios frequentam a escola da primeira à terceira série do Primeiro Grau. Depois são obrigados a se dirigir até o distrito de José Boiteux, onde podem continuar os estudos até concluir o segundo grau. A única professora que dá aula na sede é Rosângela Maria Nunes, que há quase quatro anos leciona para os índios. Ele é contratada pela Funai e reside na própria reserva.

"Segundo a professora, somente no primeiro ano os índios têm dificuldade no aprendizado. "Depois eles se interessam e passam a acompanhar normalmente as aulas". Quando chove, muitos deles não aparecem. Somente as crianças frequentam a escola, pois os adultos não têm interesse. Depois de concluir os três primeiros anos, a maioria acaba desistindo de continuar os estudos devido à distância até José Boiteux. "Hoje são apenas cinco índios que vão até lá", observa a professora.

VIVEM NA CIDADE

Como cada índio tem em média

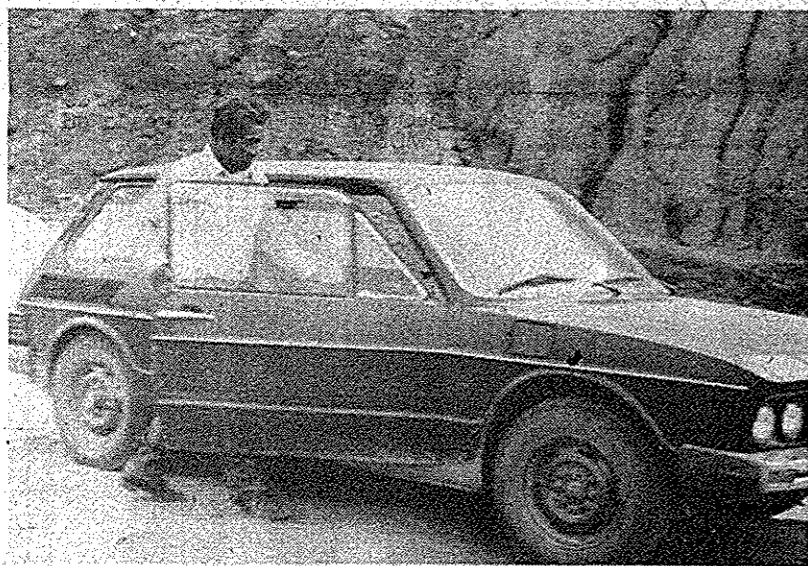
cinco empregados brancos que fazem a extração da madeira, eles continuam fazendo compras ou até mesmo passeando em Ibirama, principalmente às segundas e sextas-feiras.

Um comerciante que não quis se identificar disse que "os índios só não aparecem aos sábados e domingos e quando chove porque torna-se difícil sair da reserva". Ao meio-dia é comum se ver os índios frequentando as melhores churrascarias e restaurantes de Ibirama. No entanto, existem aqueles com menor posse que fazem apenas um lanche.

Aqueles que ainda não possuem seus automóveis, quando a carona está demorando muito para retornar à reserva pegam um táxi no centro de Ibirama para voltar para casa. Cada corrida dá em média Cz\$ 500.

Há alguns anos, cerca de 70% dos índios pertenciam à Igreja Assembléica de Deus, porém, hoje este número não chega a 15%. A explicação para a saída repentina é que esta religião não permite que seguidores bebam, fumem e danquem.

Hoje a maioria dos índios tem contas bancárias nas agências do Banco do Brasil, Besc e Bradesco em Ibirama, possuindo até mesmo cheques especiais. Cada vez que o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBGE) e a Polícia Federal fazem blitz e impedem a saída da madeira da reserva, quem sofre é o comércio em Ibirama, principalmente. É que sem dinheiro eles não têm condições de pagar as prestações. Um comerciante disse: "Quando isto acontece eles simplesmente dizem que só vão pagar quando conseguirem vender de novo a madeira".



A cena pertence ao passado. Hoje os índios preferem o Monza o Escort